



BC cerca os bancos para domar o dólar

O Banco Central alterou regras sobre limite de exposição cambial dos bancos e reduziu a margem de manobra dos bancos com o recolhimento compulsório sobre os depósitos à vista. A decisão deve amarrar cerca de R\$ 4 bilhões do sistema bancário e talvez forçar as instituições a apressar o desmonte de posições compradas em dólar (ver página C3). Há uma semana, o BC aumentou a alíquota do recolhimento compulsório de zero para 10% e, amanhã, estarão migrando para o Banco cerca de R\$ 10 bilhões. Apesar da expectativa de que esta medida poderia pressionar o mercado a vender dólar, ajudando na baixa das cotações, o sentimento geral é de frustração. O dólar afastou-se do pico registrado na sexta-passada, mas segue forte. Ontem, chegou a valorizar 0,81% aproximando-se de R\$ 2,74. O BC vendeu mais 500 mil papéis cambiais (NBC-E) de 8 de maio de 2002, pagando juro máximo de 7,29%. Injetou no sistema, portanto, cerca de R\$ 807 milhões de títulos para “hedge”, mas, pelo segundo dia seguido, a demanda alcançou R\$ 2,7 bilhões frente a volumes equivalentes de colocação.

O dia terminou com o dólar a R\$ 2,735 e em alta de 0,69%. O BC se recolheu, após o primeiro leilão, e deixou o dólar solto. A justificativa para tal comportamento tornou-se pública alguns minutos antes das 19 horas. Agora é esperar para ver como os mercados reagem nesta quinta, quando o dólar e os juros voltarão a ganhar destaque absoluto na rotina do mercado. Ontem, a estrutura a termo de juro teve ajustes bem pequenos. A exceção foi o contrato futuro de depósito interfinanceiro (DI) que sinaliza a projeção de juro na virada de outubro para novembro.

A projeção embute, portanto, a expectativa para o juro de curto prazo que será definido pelo Comitê de Política Monetária (Copom) na reunião de meados do mês que vem. Esta projeção passou a 21,12% — a mais elevada em quase duas semanas. Não passou despercebida, ontem, a decisão do Conselho Monetário Nacional de elevar de 9,5% para 10% a Taxa de Juro de Longo Prazo (TJLP) do último trimestre do ano. Este movimento, explicado pelo aumento do prêmio de risco-país, fez crescer o temor de que o Copom poderá subir o juro de curto prazo (denominado pela Selic), a despeito do seu efeito devastador sobre a dívida pública.

No mercado internacional, o risco Brasil cobrou mais atenção de analistas e operadores. Medido pelo EMBI +, monitorado pelo JP Morgan, o risco-país chegou a superar 1.200 pontos-base. No fechamento, o risco era de 1.194 pontos — o mais elevado desde março de 1999. As instituições percebem que o risco Brasil vem sofrendo acelerada deterioração desde os atentados terroristas aos Estados Unidos e a constatação incomoda, porque é um fator a mais no sentido de afastar investidores internacionais —e principalmente institucionais— do país.

Hoje há uma concentração de anúncios de inflação no Brasil, além da ata relativa à última reunião do Comitê de Política Monetária que manteve o juro de curto prazo em 19% pelo terceiro mês consecutivo, e também estão previstas divulgações de mais indicadores americanos. No entanto, a agenda cheia não significa necessariamente maior perturbação para o mercado. Primeiro, porque os índices de inflação esperados (IPCA-15, IGP-M de setembro e terceira prévia do IPC-Fipe também de setembro) têm confirmado com grande precisão as projeções dos analistas de bancos e consultorias. Segundo, porque os dados da economia americana —encomendas de bens duráveis e vendas de novas residências— referem-se a agosto. São estatísticas anteriores, portanto, aos atentados ao World Trade Center e ao Pentágono. No exterior, o Banco Central Europeu (BCE) discute hoje taxa de juro.

Se o juro cair mais, a alta das bolsas européias registrada ontem pode ser fortalecida. O mesmo raciocínio não vale, contudo, para os principais índices americanos. Após dois dias de ganhos, eles recuaram com revisão, para pior, das perspectivas de lucros de empresas sobretudo ligadas ao setor de tecnologia. Sem contar os resultados de terceiro trimestre de bancos de investimento e grandes corretoras que são decepcionantes e vão piorar, quando as instituições sentirem o baque dos atentados terroristas sobre negócios, custos e patrimônio.

A queda do Dow Jones Industrial e do Nasdaq Composto influenciou negativamente a bolsa brasileira. O Ibovespa caiu de novo. Perdeu 2,18% e já acumula baixa de 5% em dois dias. Fechou aos 10.005 pontos. O volume financeiro, que vinha se mantendo acima de R\$ 500 milhões há seis pregões, caiu quase R\$ 100 milhões. A promessa do presidente FHC de isentar as operações em bolsa da CPMF até o fim do ano não provocou qualquer reação.

Agenda: inflação e mais índices americanos

ção de analistas e operadores. Medido pelo EMBI +, monitorado pelo JP Morgan, o risco-país chegou a superar 1.200 pontos-base. No fechamento, o risco era de 1.194 pontos — o mais elevado desde março de 1999. As instituições percebem que o risco Brasil vem sofrendo acelerada deterioração desde os atentados terroristas aos Estados Uni-